

Ah a frescura na face de não cumprir um dever!
Faltar é positivamente estar no campo!
Que refúgio o não se poder ter confiança em nós!
Respiro melhor agora que passaram as horas dos encontros.
Faltei a todos, com uma deliberação do desleixo,
Fiquei esperando a vontade de ir para lá, que eu saberia que não vinha.
Sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.
Estou nu, e mergulho na água da minha imaginação.
É tarde para eu estar em qualquer dos dois pontos onde estaria à mesma hora,
Deliberadamente à mesma hora...
Está bem, ficarei aqui sonhando versos e sorrindo em itálico.
É tão engraçada esta parte assistente da vida!
Até não consigo acender o cigarro seguinte... Se é um gesto,
Fique com os outros, que me esperam, no desencontro que é a vida.

Álvaro de Campos, *Poesias*, Lisboa, Ed. Ática, 1993

1. Indica as relações e sentido que se estabelecem entre os quatro primeiros versos.
2. Explica como se concretiza a atitude de "*deliberação do desleixo*" (v.5) (20 pontos)
3. Comenta a importância dos dois últimos versos no contexto global do poema. (20 pontos)

1. A satisfação de "não cumprir um dever", expressa no primeiro verso, é reiterada em cada um dos três versos seguintes, com diferentes modulações. Esse sentimento de satisfação, que a interjeição e a tonalidade exclamativa sublinham, é traduzido, no primeiro verso, pelo evocar de uma sensação física agradável, "a frescura na face", que é amplificada na imagem do segundo verso - "estar no campo" -, e em cada um dos dois versos seguintes: "refúgio", "Respiro melhor". O não cumprimento de "um dever", referido no primeiro verso como causa de autocomprimento ou de agrado, é, sucessivamente, concretizado no ato de "Faltar" (v. 2), realçado na sua consequência - "não se poder ter confiança em nós" (v. 3) - e identificado, por fim, com o facto de o "eu" ter falhado encontros - "agora que passaram as horas dos encontros" (v. 4).

2. A atitude de "deliberação do desleixo" concretiza-se através dos seguintes atos do sujeito poético:

-faltar

deliberadamente a todos os encontros marcados, deixando passar as "horas" combinadas e fingindo estar a aguardar o que "saberia" ser impossível: "a vontade de ir para lá";

-marcar deliberadamente para a mesma hora encontros em dois locais diferentes cf. vv 9 e 10), inviabilizando, à partida, a sua comparência;

3. Os dois últimos versos desenvolvem até ao absurdo a recusa do "eu" em sair do seu lugar de "assistente da vida", em se comprometer com a ação exterior, prescindindo até do gesto de "acender o cigarro seguinte", porque este, como gesto que é, participa da exterioridade e da ação, pertence ao mundo da "sociedade organizada e vestida", dos "outros" que esperam o "eu" nos "encontros" sempre falhados. A ausência de tal gesto é uma imagem que conota (para além da suspensão no tempo) a recusa de participação na vida social balizada pelo "dever". O comentário "Se é um gesto, I Fique com os outros", apresentando, em registo irónico, tal "gesto" recusado como um símbolo do "desencontro que é a vida", constitui uma opção (aparentemente definitiva) pela vida de devaneio, de imobilidade e de solidão, apesar de o sujeito poético saber que terá de regressar ao "desencontro".